

Representações sociais acerca do feminismo em universitários de psicologia:

“liberdade pra ser”

Social representations about feminism in psychology students: “freedom to be”

Joana Antunes Pereira^{1*}, Jaiane Freitas Branco^{1,2}

¹Curso de Psicologia, Universidade do Planalto Catarinense, Lages, Santa Catarina, Brasil.

²Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Saúde, Universidade do Planalto Catarinense, Lages, Santa Catarina, Brasil.

*Autora para correspondência: joanaantunes@uniplaclages.edu.br

RESUMO

A Psicologia desempenha um papel central no cuidado da saúde mental da sociedade, por isso é importante compreender seu constante movimento, assim como os sujeitos e suas relações sociais e ampliar os debates e estudos, diante da complexidade humana. Destaca-se uma das categorias que necessita de aprofundamento teórico na perspectiva da saúde mental, que é o gênero, pois este pode ser um fator de risco, considerando que homens apresentam uma taxa de mortalidade por suicídio três vezes maior do que as mulheres. Neste cenário, há a necessidade de produzir estudos que caracterizem necessidades e demandas de homens, principalmente relacionadas à saúde mental e a construção de suas masculinidades, a partir das discussões de gênero geradas pela crítica feminista. Por isso, a presente pesquisa objetivou conhecer a representação social acerca do feminismo para homens universitários do curso de Psicologia de uma instituição da Serra Catarinense. O método é qualitativo e possui objetivos exploratórios descritivos, as informações no campo foram através de um questionário *online* e de um grupo focal presencial, os dados foram analisados pela abordagem de análise crítica do discurso. Os resultados apontam que os universitários compreendem o feminismo como um movimento com força política de transformação social, plural na busca por equidade e com contribuição acadêmica. A pesquisa também identificou a necessidade de ampliar a discussão sobre saúde mental nas teorias estudadas na formação profissional e nas organizações de saúde, incluindo categorias interseccionais como o gênero, sendo essas discussões parte do compromisso ético político da profissão.

Palavras-chave: feminismo; homens; saúde mental.

ABSTRACT

Psychology plays a central role in mental health care, consequently it is important to understand its constant movement, as well as the subjects and their social relationships, and to expand debates and studies, given the complexity of human beings. Therefore, one of the categories that requires theoretical deepening from the perspective of mental health stands out, which is gender, as this can be a risk factor, considering that men have a suicide mortality rate three times higher than women in Brazil. In this scenario, there is a need to produce studies that characterize men's needs and demands, mainly related to mental health and the construction of their masculinities, based on gender discussions generated by feminist criticism. Therefore, this research seeks to understand the social representation of feminism for university men in the Psychology course at an institution in Serra Catarinense. The method will be qualitative and has descriptive exploratory objectives. The information in the field will be through an online questionnaire and a focus group, and the data will be analyzed using the critical discourse analysis approach. The results indicate that the students understand feminism as a political movement for social transformation, plural in its pursuit of equity, and contributing to academia. The research also identified the need to foster the discussions of mental health in theories studied in professional training and in healthcare organizations, including intersectional categories such as gender, considering these discussions as part of the ethical-political commitment of the profession.

Keywords: feminism; men; mental health.

1 INTRODUÇÃO

A Psicologia desempenha um papel fundamental no cuidado da saúde mental da população, contribuindo para a construção de práticas na saúde coletiva e apresentando potencial de transversalização nas práticas sociais e institucionais (Fagundes, 2004).

O Conselho Federal de Medicina (CFM) aponta o gênero como fator de risco para o suicídio, evidenciando que homens morrem três vezes mais que mulheres (Associação Brasileira de Psiquiatria, 2014). O Ministério da Saúde (Brasil, 2021) mostra que Santa Catarina

tem uma taxa de suicídio superior à média nacional. Esses indicam riscos significativos à saúde mental dos homens, ressaltando a importância da Psicologia da Saúde e de políticas públicas que considerem as questões de gênero.

Historicamente uma das perspectivas teóricas que estudam o gênero é o feminismo, com o seu início no século XVIII, quando este tornou-se um movimento político. Gerda Lerner (2019)¹ discorre sobre a influência do pensamento dominante na interpretação dos fatos históricos ao pontuar que a dominância masculina em uma sociedade com um pensamento androcêntrico dominante é vista como natural e imutável. Nas políticas públicas, o movimento feminista já fez diversas contribuições. Furlin (2020) destaca o papel do movimento na luta contra a ditadura militar brasileira, e ao fim da mesma, ao reconhecimento da necessidade de criação de políticas voltadas a mulheres para melhorar suas condições de vida.

Diante deste contexto, evidencia-se que os problemas de saúde mental têm grande impacto na saúde integral dos homens, sendo de natureza multifatorial, tais condições de saúde, podem ser produtoras de diversos sofrimentos, que são influenciadas por fatores históricos, culturais e sociais, como a construção das masculinidades, por isso a relevância de reflexões críticas e enfrentamentos cada vez mais evidentes contra o machismo (Silva; Melo, 2021).

Deste modo, o objetivo geral deste estudo foi conhecer a representação social acerca do feminismo para homens universitários de psicologia de uma instituição de ensino superior da Serra Catarinense.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

Delimitou-se o método de abordagem qualitativo, pois objetivou-se conhecer um determinado fenômeno envolvendo as relações sociais estabelecidas por sujeitos dentro do seu contexto social (Flick, 2009). A pesquisa é também feminista, porque objetiva examinar os processos relacionados à construção de gênero e a as desigualdades provocadas.

Por se tratar de uma pesquisa com seres humanos, caracteriza-se como uma pesquisa de campo, que após aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa - CEP, sob o parecer de N.º 5.186.832, aconteceu em duas etapas. A primeira foi por meio de questionário online, pois

¹ Como posicionamento de pesquisas feministas, optou-se por utilizar os nomes inteiros das autoras feministas, para que seja possível identificar que são mulheres.

possibilita o acesso a amostragens mais complexas de serem acessadas (Flick, 2009). Na segunda etapa, realizou-se grupos focais com os acadêmicos do sexo masculino do curso de Psicologia que manifestarem interesse. Cardano (2017) define os grupos focais como uma forma de entrevista grupal.

A análise dos dados foi realizada pela Análise Crítica do Discurso (ACD), caracteriza-se pela procura igualmente de padrões, mas dentro de contextos mais amplos, associados a questões sociais ou com a cultura (Salles; Dellagnelo, 2019).

3 RESULTADOS

Para iniciar a apresentação dos resultados deste estudo, expõe-se a seguir os dados de caracterização dos participantes da pesquisa. Ao todo foram 18 participantes, em sua maioria homens cisgênero, brancos, jovens adultos, naturais da região sul do Brasil e universitários das últimas fases do curso, referente à orientação sexual, notou-se uma diversidade maior com participantes heterossexuais, homossexuais e bissexuais.

A partir da análise crítica do discurso dos universitários de psicologia do sexo masculino, identificou-se as principais representações sociais sobre feminismo, as quais foram categorizadas da seguinte forma: “Feminismos” para homens universitários; Feminismo e saúde mental: “liberdade pra ser”; Saúde mental dos homens: “frágeis, esquecidos e solitários” e Psicologia, feminismo e saúde mental dos homens: “somos todos seres humanos”.

4 DISCUSSÃO

4.1 “Feminismos” para homens universitários

A pesquisa identificou uma pluralidade de representações sociais sobre o feminismo, sendo as centrais: movimento com força política de transformação social; plural na busca por equidade e como categoria de análise para compreensão da realidade social.

Enquanto movimento com força política de transformação social, destacam-se as seguintes falas: “*A importância que as mulheres, o movimento feminista, teve todo esse processo da reforma psiquiátrica. [...] (Billy) e “[...] Muitos dos direitos que as pessoas com deficiência têm hoje estão interligados com o histórico dos movimentos feministas [...] (Barry).*

Ao discutir os pontos convergentes do feminismo e da luta antimanicomial, Sardeto, Barzaghi e Ferrazza (2021) definem movimento social como luta de grupos que publicamente questionam aspectos da realidade que não se alinham com as necessidades essenciais à vida humana, assim, ambos os movimento possuem um caráter de luta contra o modelo hegemônico.

Já enquanto movimento plural e em busca de equidade, os participantes trouxeram o seguinte ponto de vista: “*Não existe um feminismo. Existem vários feminismos[...]*” (Clark). Lisboa (2023) postula que os feminismos múltiplos surgem através da autocrítica feita pelos feminismos e dos campos de estudos abertos nas universidades que possibilitam o aprofundamento nas teorias feministas, também levam em conta a pluralidade do movimento, compreendendo a diversidade da existência, assim, os feminismos ganham diversos adjetivos conforme o enfoque de suas pautas.

Acerca da participação de homens na busca por equidade, a autora e teórica feminista Bell Hooks (2015), cita como objetivo do feminismo, acabar com o sexismo, entendendo que “[...] todos nós, mulheres e homens, temos sido socializados desde o nascimento para aceitar pensamento e ações sexistas”, assim busca por equidade envolve a participação da sociedade como um todo, não sendo uma luta restrita a identidade do “ser mulher” (Hooks, 2015, p.13).

Outro ponto importante, destacado pelos participantes, foi a contribuição acadêmica proporcionada pela crítica feminista: “[...] *Eu acho que um dos frutos também teóricos do feminismo que a gente aproveita bastante aqui na psicologia é a ideia de interseccionalidade que vem do feminismo negro[...]*.” (Clark). O termo interseccionalidade foi criado pela autora do feminismo negro Kimberlé Crenshaw (2002) ao defini-lo como o encontro de dois ou mais eixos de poder que marcam a vivência de uma pessoa, uma vez que esta não se encaixa nos padrões hegemônicos.

4.2 Feminismo e saúde mental: “liberdade pra ser”

Na categoria saúde mental, duas representações sociais se destacaram entre os participantes, sendo estas: uma que envolve o conceito de bem-estar, que se relaciona com um olhar biomédico referente a saúde mental e outra que aborda o conceito ampliado de saúde mental, trazendo à tona aspectos como o ambiente, as relações estabelecidas pelos indivíduos, os impactos sócio-políticos-culturais e fatores existenciais, como citado pelo participante Clark, “a liberdade pra ser”.

As perspectivas que levam em conta fatores além do bem-estar, conversam segundo Alcântara, Vieira e Alves (2022) com os paradigmas levantados pela Reforma Psiquiátrica, os quais olham o sujeito e seus sofrimentos existenciais, fortalecendo sua participação cidadã no convívio social e comunitário. A Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) trabalha com a perspectiva que dialoga com a “liberdade pra ser” ao voltar o cuidado para o território que compõe a vida de cada sujeito, sua existência e seu sofrimento” (Brasil, 2004).

4.3 Saúde mental dos homens: “frágeis, esquecidos e solitários”

Ao discutir a saúde mental dos homens, algumas das representações sociais centrais foram a dificuldade de expressar sentimentos, procurar ajuda e de estabelecer redes de apoio, criando o sentimento de solidão reforçado pelas normas de gênero existentes. Conforme pode se perceber nos relatos: “*Culturalmente, eu vejo assim que a saúde mental dos homens é algo muito esquecido. [...] tem essa parte masculina cultural da supressão de sentimentos [...]*” (Billy) e “[...] eu sinto que existe uma certa solidão do ser homem [...]” (Clark).

Silva e Melo (2021) destacam a “crise silenciosa” relacionada à saúde mental dos homens devido às possíveis limitações no diagnóstico e reconhecimento de sintomas causadores de sofrimento psicológico. Zanello, Fiuza e Costa (2015) discutem as relações do sofrimento psíquico com os valores e estereótipos de gênero, dentre as principais queixas de sofrimento nos homens, se destacam as relacionadas a virilidade sexual, laborativa, força física, fama e riqueza. Tais situações foram citadas na fala de Bruce: “*Não ficou para o homem fracassar, né? Porque o que leva o homem ao uso de drogas, algo e até mesmo ao suicídio, é fracasso [...] Homem precisa ser forte*”.

Discutir o movimento feminista como um movimento revolucionário, como apontado por Bell Hooks (2018) é incluir nele a participação masculina, visando não somente a emancipação das mulheres, mas também a dos homens que ficam entrelaçados em narrativas causadoras de sofrimento.

4.4 Psicologia, feminismo e saúde mental dos homens: “somos todos seres humanos”

Referente ao compromisso ético político da atuação profissional dos participantes enquanto homens e psicólogos, no combate às violências de gênero, os participantes apontaram:

“reconhecer os privilégios masculinos, [...], utilizar da nossa voz para que sejam construídas e elaboradas políticas públicas pensando nessa equidade entre gêneros dentro da categoria, fora [...] e também fomentar para que realmente haja mais pessoas feministas [...]” (Alan); “Fala somos todos seres humanos” (Billy).

Como evidenciado pelas representações dos participantes, o compromisso ético político da Psicologia Social e Comunitária, está relacionado com a transformação da realidade a partir do entendimento do profissional psicólogo como agente de ação (Bicalho *et. al.* 2024).

5 CONCLUSÃO

A pesquisa concluiu que estudantes de Psicologia compreendem o movimento feminista e reconhecem suas contribuições sociais, evidenciando a necessidade de ampliar o debate sobre saúde mental na formação profissional, com um olhar interseccional para as questões de gênero. Destacou-se o compromisso ético-político da Psicologia Social Comunitária no enfrentamento dos efeitos do patriarcado e do machismo na saúde mental dos homens, bem como a importância da participação masculina e do reconhecimento de privilégios nas discussões de gênero.

Recomenda-se, portanto, a criação de espaços seguros e democráticos para promover o diálogo, dar visibilidade às violências naturalizadas e fortalecer a equidade. Ressalta-se, contudo, a limitação do estudo quanto à homogeneidade do perfil dos participantes, o que pode restringir a diversidade de percepções sobre o tema.

AGRADECIMENTOS

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) Edital nº 69/2022 – PIBPG pela bolsa de J.F.B.

REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, V. P.; VIEIRA, C. A. L.; ALVES, S. V. Perspectivas acerca do conceito de saúde mental: análise das produções científicas brasileiras. **Ciência & Saúde Coletiva**, [S.L.], v. 27, n. 1, p. 351-361, jan. 2022. <http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232022271.22562019>. Acesso em: 08 out. 2024.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSIQUIATRIA. **Suicídio**: informando para prevenir. Brasília: Comissão de Estudos e Prevenção de Suicídio, 2014. 52 p.

BICALHO, P. P. G. *et al.* Psicologia e Direitos Humanos: Compromisso Ético-Político da Profissão. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 44, n. spe1, p. e287399, 2024. Disponível em: <https://scielo.br/j/pcp/a/4m9Pcj8QQV6dBTW3GF8J8nC/?lang=pt>. Acesso em: 15 out 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Saúde Mental no SUS**: os centros de atenção psicossocial. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2004. 86 p. Disponível em: http://www.ccs.saude.gov.br/saude_mental/pdf/sm_sus.pdf. Acesso em: 14 out. 2024.

BRASIL. Secretaria de Vigilância em Saúde. Ministério da Saúde. **Boletim Epidemiológico**. 5. ed. Brasília, 2021. 10 p. (52). Disponível em: https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-contenido/publicacoes/boletins/epidemiologicos/edicoes/2021/boletim_epidemiologico_svs_3_3_final.pdf. Acesso em: 19 mar. 2024.

CARDANO, M. **Manual de pesquisa qualitativa**: a contribuição da teoria da argumentação. Petrópolis: Vozes, 2017. 371 p. Tradução de Elisabeth da Rosa Conill.

CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, v. 10, n. 1, p. 171–188, jan. 2002.

FAGUNDES, S. (2004). Apresentação. *In*: NASCIMENTO, C. A. T. *et al.* **Psicologia e políticas públicas**: experiências em saúde pública Porto Alegre: Conselho Regional de Psicologia, 84- 96. Recuperado em 20 maio, 2009, de CRP07 (Conselho Regional de Psicologia): <http://www.crp07.org.br/upload/edicao/arquivo15.pdf>.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009. 395 p.

FURLIN, N. A Contribuição dos Movimentos Feministas na Institucionalização das Políticas de Gênero: Aproximações e Especificidades no Caso Brasil e Chile. **Almanaque de Ciência Política**, Vitória, v. 2, n. 4, p. 01-21, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/almanaque/article/view/32799>. Acesso em: 26 mar. 2024.

HOOKS, B. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018. 144 p. Tradução de: Ana Luiza Libânio.

LISBOA, C. Feminismos múltiplos: um vir-a-ser de possibilidades. **Cadernos do PET Filosofia**, [S. l.], v. 14, n. 27, p. 131–156, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufpi.br/index.php/pet/article/view/4277>. Acesso em: 7 out. 2024.

SALLES, H. K.; DELLAGNELO, E. H. L. A Análise Crítica do Discurso como alternativa teórico-metodológica para os estudos organizacionais: um exemplo da análise do significado representacional. **Organizações & Sociedade**, v. 26, n. 90, p. 414–434, jul. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/osoc/a/VsRfdMxTzNDzmdqB7LSFs9C/#>. Acesso em: 10 jun. 2024

SARDETO, A. R.; BAZARGHI, N.; FERRAZZA, D. A. Movimento Feminista e Antimanicomial: Uma análise das putas por direitos em uma sociedade capitalista-patriarcal. **Barbarói**, n. 58, p. 195–217, jun. 2021. Disponível em: <https://busqueda.bvsalud.org/portal/resource/fr/biblio-1150846>. Acesso em: 7 out. 2024.

SILVA, R. P.; MELO, E. A. Masculinidades e sofrimento mental: do cuidado singular ao enfrentamento do machismo? **Ciência & Saúde Coletiva**, [s. l.], v. 26, n. 10, p. 4613–4622, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/THNcKsn4kgqwb6rFbS48ntM/> Acesso em 09 jun. 2024.

ZANELLO, V.; FIUZA, G.; COSTA, H. S. Saúde mental e gênero: facetas gendradas do sofrimento psíquico. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 27, n. 3, p. 238–246, set. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/fractal/a/7ZzRG6HkzvbGYj35qZXNzyP/#ModalHowcite>. Acesso em: 15 out 2024.